filosofia ciência&vida

CELSO KRAEMER
O ambiente escolar e o discurso de gênero para além do espaço heteronormativo

RENATO JANINE RIBEIRO
Propriedade social: o impulso anarquista na obra de Karl Marx

ANO IX N. 118 - www.portalcienciaevida.com.br

ÉTICA NA MÍDIA

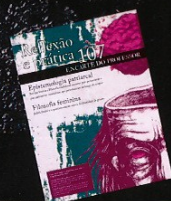
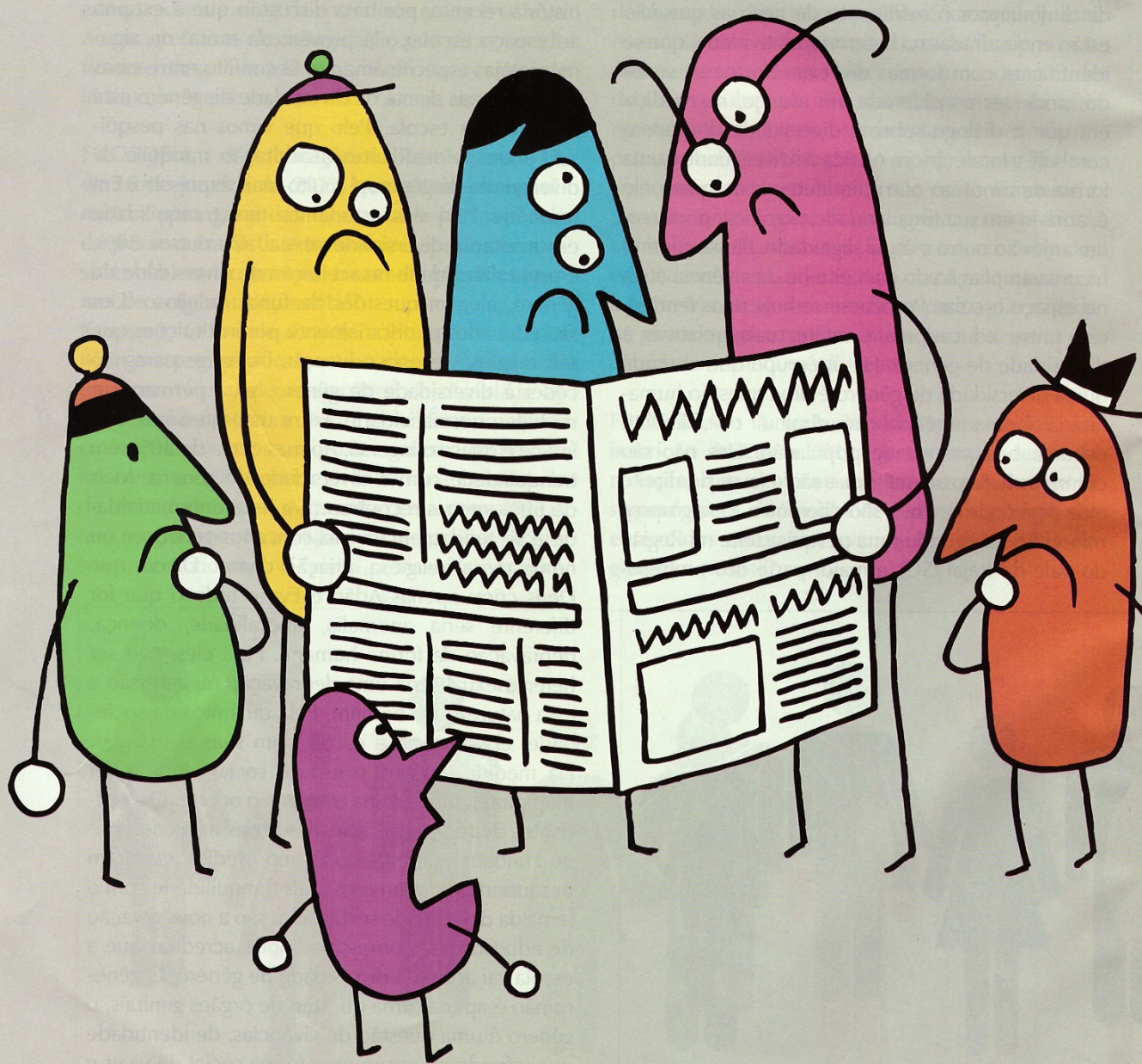
Os necessários debates para um paradigma ético dos meios de comunicação

IRONIA AMBIVALENTE

O método irônico no itinerário filosófico de KIERKEGAARD

CINEMA E ESTÉTICA

A sétima arte no imaginário e o fomento ao espírito lúdico

EDIÇÃO 118 - PREÇO R$ 12,90
ISSN 1809-9238
9 771809 923005 00118

REFLEXÃO E PRÁTICA: A marginalidade da mulher na Filosofia

Por uma mídia ÉTICA

Sendo os meios de comunicação essenciais na formação crítica e na autonomia intelectual dos cidadãos, é de suma importância abrir um debate que oriente todos os níveis da sociedade para elevar a civilidade da vida coletiva

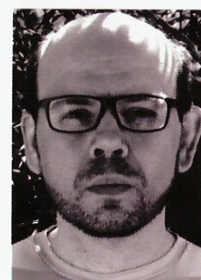
A *guerra do fogo*, dirigido por Jean-Jacques Annaud (1943) e escrito por Gérard Brach (1927-2006), é um filme franco-canadense de 1981 que assume com coragem o desafio de resumir 40 mil anos de História, em que se passou a aurora da humanidade, em apenas 100 minutos.

O enredo apresenta a luta pela sobrevivência de três espécies humanas, quais sejam, os neandertais, os *homo sapiens* e também aqueles que são denominados *homo sapiens sapiens* (o homem duplamente sábio). O filme é construído a partir da premissa de que essas três subespécies hominídeas chegaram a compartilhar uma mesma paisagem, conviveram durante um período da História. O drama apropria-se desse aspecto para simular interações entre elas e ressaltar o que as diferencia, além de apresentar hipóteses sobre os fatores que levaram apenas uma delas a ter sobrevivido e prosperado.

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

O que mais chama a atenção são as diferentes capacidades entre os grupos. São muito contrastantes as habilidades dos neandertais e dos *sapiens*, porém as diferenças entre os *sapiens* e os *sapiens sapiens* não estão tanto na engenhosidade, na forma de lidar com o meio e de construir ferramentas. Há, sim, uma ligeira vantagem entre os *sapiens sapiens* nesse quesito, mas o que mais ressalta mesmo é a sua supremacia nas habilidades de comunicação.

Eles usam grunhidos como os outros, mas, além disso, também se expressam pelo riso, desenvolvem sentimentos como o amor, se preocupam em transmitir o conhecimento para o outro e ainda possuem certa capacidade de contemplação.

Entre os duplamente sábios, a comunicação não se dá apenas em torno das necessidades imediatas, mas também a partir da curiosidade, de projeções em relação ao futuro, procedente da vontade de explorar e, por fim, de aspirações complexas que florescem nas relações entre os indivíduos que não se dão apenas no

Cristiano de Jesus é professor universitário e pesquisador com formação em Computação, Engenharia e Filosofia.

BOURDIEU mostra que a linguagem pode não ser totalmente espontânea, que pode carregar um poder estruturante, uma força que provoca um conformismo lógico, uma concordância artificial das inteligências que leva, sim, a uma solidariedade social, mas em torno de quais interesses? A que custo?

contexto pragmático, mas avançam também no campo dos sentimentos.

Esse filme não é um tratado científico ou antropológico, mas se faz relevante por se desenvolver com uma sincera fidelidade a uma premissa respeitável – a de que a condição humana depende fundamentalmente da capacidade de uma forma complexa de comunicação.

A importância primordial da comunicação para a condição humana e para o seu desenvolvimento justifica o esforço permanente por uma ética da comunicação.

PODER SIMBÓLICO

O Construcionismo Social é um movimento intelectual que tem ganhado cada vez mais espaço nas áreas relacionadas às humanidades, sobretudo nas Ciências Sociais e na Psicologia. Possui como mote a tese de que o universo humano não é dado, mas, sim, construído a partir da habilidade de comunicação. Parafraseando Ernst Cassirer (1874-1945), o universo humano é um universo simbólico.

Nessa reflexão está a preocupação com o peso do contexto político, histórico e social no desenvolvimento da cultura, que é importante para a solidariedade social e, portanto, para a vida em sociedade, como também no desenvolvimento do conhecimento, além da sempre possível submissão às conveniências, orientações ideológicas e à retórica. Esse problema não estaria presente apenas na superfície das relações sociais, mas na própria capacidade humana de conhecer as coisas.

A guerra do fogo é considerada por muitos como a produção cinematográfica que melhor reconstitui a pré-história ou, melhor dizendo, que o faz de uma forma honesta

Para ilustrar essa discussão, vale a pena citar o caso de um texto intitulado *The Pixar Theory* no qual seu autor, Jon Negroni, defende que todas as histórias da conhecida produtora de filmes de animação pertencem, na verdade, a um único universo ficcional. Entretanto, quando jornalistas indagaram profissionais da empresa sobre o trabalho de Negroni, estes afirmaram que gostariam mesmo de ser tão geniais como faz parecer o autor do texto, mas infelizmente não é o caso. Eles fazem, sim, referências aos seus próprios filmes em trabalhos mais recentes, mas não passa disso.

Esse caso é um exemplo concreto sobre a prática constante de todo indivíduo de observar e fazer relações causais. Não é preciso entrar no mérito do trabalho do autor e das declarações daqueles que estão à frente da empresa. Basta reconhecer que se trata mesmo de uma construção teórica baseada na observação e na capacidade de associar semelhanças. O fato é que o ser humano faz isso o tempo todo e sobre todas as coisas. É assim em todos os campos de ação humana, mesmo quando há a pretensão da objetividade.

Muitas vezes o resultado é útil e proporciona condições materiais de vida, isto é, possibilita o avanço da Ciência e da tecnologia, proporciona um ecossistema e uma estrutura a partir do qual as pessoas podem construir vidas e estabelecer relações econômicas, políticas, etc. Não importa se tais construções possuem correspondência total com a natureza das coisas. Sua condição de existência não é a sua estatura de "verdade", mas, sim, a sua função instrumental e conveniência de conseguir sustentar relações sociais.

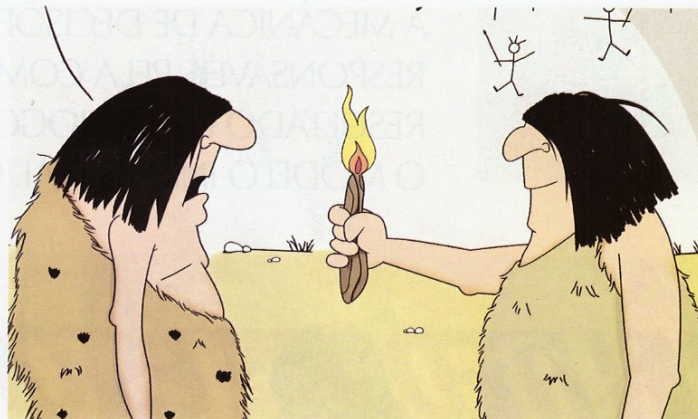
Martin Heidegger (1889-1976) considerava que o problema da realidade é, na verdade, um falso problema, pois se o ser humano não pode lidar com a natureza bruta, mas apenas com o fenômeno, por que se preocupar com a impossível correspondência entre ideia e coisa?

A reprimenda heideggeriana faz sentido na Ontologia e na Antropologia filosófica, mas, ainda assim, a preocupação com a construção social, em dimensão e alcance que atinge a vida coletiva, pode ser legítima se considerado que tal processo de edificação pode ser capturado e conduzido, ou ao menos influenciado, arbitrariamente a partir de interesses privados.

Pierre Bourdieu (1930-2002) aborda essa problemática discutindo "o poder simbólico" que é exercido por instituições que possuem a capacidade de comunicação de massa. Corresponde ao poder de conduzir a construção de uma ordem gnosiológica, isto é, de uma realidade social a partir de valores, relações e significados que legitimam, concretizam e perpetuam a satisfação de interesses específicos.

Um exemplo disso, são as estratégias de campanhas de *marketing* que não se concentram em uma Comunicação Social de divulgação de mercadorias úteis para a vida, mas, sim, na construção de um universo de hábitos e relações nos quais os produtos possuem um papel substancial.

SISTEMAS NORMATIVOS

Se de fato for possível o reconhecimento da Comunicação como elemento fundamental para uma condição humana cada vez mais profunda e plena, ao mesmo passo que se pode admitir que a linguagem pode ser apropriada por agentes sociais e arbitrariamente direcioná-la para a construção de um sentido de mundo, com vistas a estabelecer formas de dominação no âmbito de um jogo de interesses, é genuína a proposição de uma Ética da Comunicação, isto é, de uma preocupação permanente em assegurar o direito das gerações futuras de usufruir da liberdade e da autonomia como bens inalienáveis e necessários para a vida boa.

A humanidade não se dá apenas no controle de fenômenos naturais e na construção de ferramentas. Isso, outros animais o fazem, mesmo que de forma rudimentar

IMAGNS: DIVULGAÇÃO/SHUTTERSTOCK

Pelo lado das instituições responsáveis pela Comunicação Social, não é difícil imaginar que a mecânica de decisões e ações em parte é resultado de um jogo mercantil que estabelece o modelo industrial como forma de ação.

Uma entidade acadêmica pode pensar o melhor projeto pedagógico que a mente humana pode conceber, assim como um grupo musical se dedicar à produção das mais complexas formas harmônicas, do mesmo modo que um grupo de engenheiros pode se empenhar na construção de estruturas em perfeito equilíbrio com as diferenças humanas e com o meio ambiente, e um grupo de jornalistas construir os melhores métodos de investigação e articulação de fatos.

Se não existir uma forma de financiamento para projetos como esses, a tendência é que sejam "engolidos" por modelos de produção focados no baixo custo e na grande escala, o que significa preocupação com resultados imediatos e não com os efeitos em longo prazo que tantas artificialidades possam provocar nas capacidades do intelecto.

Na história das teorias sociológicas, projetos políticos ambiciosos em relação às aptidões humanas são comumente de-

A MECÂNICA DE DECISÕES DAS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS PELA COMUNICAÇÃO SOCIAL É RESULTADO DE UM JOGO MERCANTIL QUE ESTABELECE O MODELO INDUSTRIAL COMO FORMA DE AÇÃO

De forma escrachada, o longa-metragem *Idiocracia* apresenta uma caricatura da sociedade contemporânea, tendo o futuro como pano de fundo

nominados de "utopias". Na reflexão filosófica, a utopia pode ser uma referência, que se inalcançável pelo menos colabora para o movimento com direção e meta. Por outro lado, como projeto político concreto, ou seja, como ideia de sociedade, a utopia pressupõe ou conta com a boa vontade dos indivíduos e com a sempre disposta e manifesta intenção de cada sujeito de realizar o que é correto, o que é bom numa perspectiva de quadro geral.

Em outras palavras, um empreendimento que propõe a máxima qualidade e responsabilidade pode não sobreviver muito tempo por tomar o ideal como real, porém a sociedade pode viabilizar projetos como esses principalmente a partir da concessão de serviços públicos e do financiamento público. Claro que iniciativas privadas existem, e em grande número, mas muitas vezes apenas a consciência de responsabilidade social não é suficiente. Elas precisam de incentivos e subsídios que compensem de certa forma os possíveis danos causados pela competição que opera em outra sintonia de objetivos.

Isso significa que, como fruto do debate entre diversos setores sociais, pode-se

O longa-metragem que burlou o sistema

Idiocracia é um filme de Mike Judge, conhecido criador da animação *Beavis e Butt-Head*. Produzido em 2006, a comédia foge totalmente do convencional ao apresentar reflexões importantes. Foi um desastre de bilheteria nos EUA, pois foi boicotado pela sua própria produtora 20th Century Fox, que deu liberdade demais para Judge e depois não gostou nem um pouco do resultado. A empresa distribuiu o filme no mínimo de salas exigido em contrato, não fez qualquer divulgação, não promoveu sessões de exibição para críticos e jornalistas, nem sequer produziu um *trailer*, sem contar os inúmeros processos judiciais que recebeu de empresas que foram satirizadas no filme. Simula uma sociedade que assiste a um desenvolvimento acelerado da tecnologia, mas por outro lado sofre um progressivo e preocupante empobrecimento intelectual. O livre-arbítrio e a tão desejada liberdade de escolha desaparecem, pois o senso crítico é cada vez menor. As pessoas são condicionadas por uma avalanche de informações sem que haja qualquer esforço de articulação e assimilação como conhecimento. Há uma desvalorização alarmante da arte, alta cultura e conhecimentos gerais que tenham um mínimo de profundidade. Alguns poderiam pensar... quem se importa se a sociedade toda se idiotizou? O filme mostra as consequências de um mundo dominado por imbecis: problemas ambientais insolúveis, comportamento excessivamente assexuado, incapacidade de resolver problemas mais básicos e domínio total das organizações sobre a vida das pessoas. Embora seja uma comédia, ao se colocar no lugar do personagem protagonista, rodeado de idiotas por todos os lados, o filme bem que pode ser visto como uma história de horror.

obter o consenso sobre o patrimônio público, isto é, a identificação de caracteres que todos concordam que não deveriam estar sujeitos exclusivamente ao jogo econômico, sob a óptica até mesmo do futuro da humanidade.

A consequência dessa perspectiva é um modelo de forte presença do Estado na regulamentação, subsídio e condução de atividades como Educação, Comunicação Social, Cultura, Esportes e outros, além, claro, da iniciativa livre do setor privado e, diga-se de passagem, inteligente, de atuar nessas áreas a partir de uma consciência social e senso consistente de responsabilidade.

Isso já existe há muito tempo e no mundo todo. O motivo pelo qual há casos em que isso funcione muito bem, mas, por outro lado, há também entraves, falhas e até problemas bem graves, são conjunturas que não é o caso abordá-las neste artigo especificamente, pois exigiriam fôlego investigativo e um distanciamento demasiado do foco da temática da ética comunicativa.

Para melhor compreensão sobre a pretensa consistência dessa dinâmica de atuação pública, vale muito a pena lembrar a quase sempre negligenciada diferença entre "Moral" e "Ética". É válido considerar que essa distinção é desnecessária se o objetivo é a identificação das motivações do comportamento humano que quase sempre é multifacetada, porém ela é essencial para projeções de cenários, como exercício de possibilidades.

A Ética corresponde ao debate, a uma construção racional, rigorosamente fundamentada sobre as escolhas e as ações. Ao longo da História da Filosofia foram construídas e propostas teorias éticas que servem de referência para isso. Vale lembrar que uma coisa é o pensamento ético no âmbito da individualidade e outra no âmbito social. Uma Ética da Comunicação está na dimensão da coletividade.

Mesmo que haja a sincera vontade de uma legítima prestação de serviços, a insuperável necessidade de sustentação financeira impõe a obediência às regras do jogo econômico

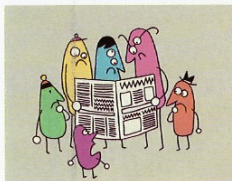
IMAGNS: DIVULGAÇÃO/SHUTTERSTOCK

A Moral, ou a moralidade, se constrói nas relações sociais. Corresponde a um universo de valores que faz sentido dentro de certo contexto e sua sustentação depende de sistemas normativos, sejam eles formais ou informais, ou seja, que sejam exercidos por força da lei ou mesmo devido à exclusão por efeito da falta de aceitação de certo comportamento por demais membros do grupo.

As pessoas tanto podem se orientar pela Ética, pela Moral ou pela mistura das duas: por exemplo, podem buscar orientação na força do fundamento, na força da lei, ou ainda a partir do reconhecimento da racionalidade, coerência e importância da lei ou dos hábitos. Isso significa que a Ética é um importante subsídio para a moralidade, tenham as pessoas consciência disso ou não.

Assim sendo, presume-se a possibilidade de uma Ética da Comunicação a partir do reconhecimento da Comunicação Social como um "fato social", conceito de Émile Durkheim (1858-1917). Ao atribuir ao fenômeno social a condição de fato social, atribui-se também condições para um tratamento científico dos problemas que estão relacionados a ele.

O motivo de adoção dessa abordagem é assegurar que a temática da Ética da Comunicação não permaneça como metafísica exclusivamente, isto é, que sua discussão não fique apenas no campo das essências ou com perspectiva centrada numa condição ideal. Isso até pode ser válido para o indivíduo que decide aderir a tal construção teleológica e que, portanto, agirá a partir do pleno e espontâneo desejo de comprometimento com tal projeto. Essa atitude pode fazer grande diferença na vida particular do indivíduo que decide adotá-lo, porém ela não possui força suficiente para mudar o mundo, a coletividade.

A coletividade não corresponde a uma simples soma das individua-

UMA ÉTICA QUE PERMANECE DESCRITIVA OU QUE DEPENDE APENAS DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL, POUCA SERVENTIA POSSUI, POR MAIS IMPECÁVEL QUE SEJA SUA CONSTRUÇÃO TEÓRICA

lidades, mas, sim, ao resultado das relações que tanto são alimentadas como alimentam as individualidades, relações essas que emergem de um processo histórico, das condições materiais de vida, condições ambientais e outros. Portanto, a vida coletiva, tal como preconiza Durkheim, deve ser tomada como coisa, uma realidade *sui generis*, ou seja, como algo único que tanto não possui aderência a classificações, definições essenciais e generalizações como também é independente de projetos, vontades e desejos individuais.

A partir dessa perspectiva, uma ética que permanece descritiva ou que depende da consciência individual, pouca serventia possui, por mais impecável que seja sua construção teórica. Ela precisa se converter em moralidade, isto é, deve funcionar como balizas que provocam desvios intencionais no fluxo da vida social, embora seja preciso entender que essas mudanças de rumo, além de serem frequentemente lentas, nunca são plenamente previsíveis e controláveis.

Algumas intervenções desse tipo não apenas são insuficientes como às vezes até provocam um novo problema, como é o caso de exemplos de leis de incentivo criadas para fomentar a produção independente de Arte com brechas que são exploradas pela indústria cultural como mais uma forma de redução de custos e maximização dos

Émile Durkheim propõe o fato social como instrumento para identificação de fenômenos sociais e para a solução dos problemas que ocorrem no âmbito coletivo

ganhos em produções de qualidade muito discutível. Um projeto que foi pensado para equilibrar a desigualdade de oportunidades acaba no fim fortalecendo-a ainda mais.

A proposta, contudo, é o reconhecimento por parte do poder público de que a Comunicação Social é um fator preponderante para o desenvolvimento pleno das capacidades humanas, capacidades estas que garantam uma condição mínima de mobilidade, autonomia intelectual e consciência crítico-dialética de modo que seja um direito humano, uma graduação intelectual que permita a autodefesa diante de forças sociais niveladoras e arbitrárias.

Aliás, é pertinente alertar que, em boa parte dos 30 direitos previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a condição de garantia que sejam respeitados está no próprio indivíduo. Se este não tiver um nível de consciência que ultrapasse a dimensão da luta pela sobrevivência, a artificialidade da vida burocrática e do jogo do consumo, dificilmente conseguirá se livrar das contingências de um sistema repressivo, sutil e confortável, mas repressivo.

É comum que propostas como esta não possuam força suficiente para serem executadas, visto que individualmente muitos não se veem beneficiados por elas ou as tomam como simples programas sociais. Aristóteles já defendia que a política, ou as coisas que envolvem a vida social, é responsabilidade de todos, visto que um problema social afeta diretamente ou indiretamente a todos.

Essa premissa é difícil de ser percebida em alguns casos e fácil em outros. Exemplos disso são os casos de contaminação por vírus que facilmente pode afetar populações de muitos países. O problema do tráfico de drogas tem efeito semelhante. Problemas como esses aparentemente isolados acionam com velocidade surpreendente a atenção dos principais líderes do mundo, pois é eminente a chance de ampliação do alcance de seus efeitos.

Todavia, problemas crônicos, mais sutis, que consomem as condições de vida de dentro pra fora, que ameaçam gerações futuras, nem

IMAGNS: DIVULGAÇÃO/SHUTTERSTOCK

O que torna a condição humana possível é a predisposição à contemplação

sempre recebem a atenção devida. A tese de Aristóteles continua válida. No âmbito político, se um indivíduo possui um problema, todos o têm e ele pode se manifestar cedo ou tarde.

A Ética da Comunicação, contudo, deve servir de subsídio tanto para a formação de profissionais para a regulamentação de toda atividade relacionada com a Comunicação Social como Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio, Televisão, Cinema, Teatro, Produção Editorial, Produção Cultural, Relações Públicas, *Design*, Moda, *Marketing*, Educação e outros.

Regulamentar não significa a imposição de um modelo, mas, sim, o acompanhamento e o estabelecimento de uma prática de diálogo permanente entre poder público e sociedade civil, incluindo instituições de ensino, associações científicas acadêmicas e conselhos de classe.

As profissões nas áreas da Comunicação carecem de um código de ética que possua o mesmo peso que este possui na área da Saúde e outras, isto é, que sejam amplamente discutidos no processo de formação e estejam sensivelmente relacionados a sistemas normativos e formas de sanção.

Um tema sempre recorrente nessa discussão é a liberdade de expressão. A Ética da Comunicação e possíveis desdobramentos em códigos de conduta e sistemas regulatórios jamais devem ameaçar o direito da liberdade de expressão, ocasionar restrições no direito de opinião, liberdade de imprensa, liberdade de escolha, ou qualquer arbitrariedade dessa natureza, mas, sim, garantir que a comunicação seja realizada com responsabilidade e que o direito de escolha seja efetivo, ou seja, não há escolha na exclusividade ou na impossibilidade de ponderação. A sociedade precisa garantir tanto o amplo acesso à diversidade de produções como também a capacidade de crítica. |filo

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. Bauru: Edipro, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Brasil, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Martins fontes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia** (Hermenêutica da Facticidade). Petrópolis: Vozes, 2012.